



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

LILIAN LETICIA RODRIGUES RIBEIRO

**A VIOLÊNCIA DISSEMINADA: A SÍNDROME DE
ESTOCOLMO E A DINÂMICA PERVERSA EM
CATIVEIRO REAL E CATIVEIRO IMAGINÁRIO.**

ARIQUEMES – RO

2017

LILIAN LETICIA RODRIGUES RIBEIRO

**A VIOLÊNCIA DISSEMINADA: A SÍNDROME DE
ESTOCOLMO E A DINÂMICA PERVERSA EM
CATIVEIRO REAL E CATIVEIRO IMAGINÁRIO.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Prof. Orientador: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

ARIQUEMES – RO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

R484v

RIBEIRO, Lilian Leticia Rodrigues.

A violência disseminada: a Síndrome de Estocolmo e a dinâmica perversa em cativo real e cativo imaginário. / por Lilian Leticia Rodrigues Ribeiro. Ariquesmes: FAEMA, 2017.

41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. MSc. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

1. Psicologia. 2. Síndrome de Estocolmo. 3. Inconsciente. 4. Assédio Moral. 5. Assédio Sexual. I. ARANTES, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.

CDD: 150.

Bibliotecário Responsável

EDSON RODRIGUES CAVALCANTE

CRB 677/11

LILIAN LETICIA RODRIGUES RIBEIRO

**A VIOLÊNCIA DISSEMINADA: A SÍNDROME DE
ESTOCOLMO E A DINÂMICA PERVERSA EM CATIVEIRO
REAL E CATIVEIRO IMAGINÁRIO.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Advogada Laura Marinho Zarranz
Defensoria Pública de Ariquemes

Prof. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 28 de Novembro de 2017.

Dedico ao meu querido filho por ser tão compreensivo nos momentos que precisei estudar e não pude lhe dar atenção esperada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois me proporcionou sabedoria, força, perseverança e fé para concluir essa etapa em minha vida, Àquele que é misericordioso, sem Ele nada disso seria possível.

Aos meus amados e queridos esposo e filho, alicerces em minha caminhada, me apoiando em todos os momentos, incentivando e proporcionando todas as condições para realização de meus sonhos.

As queridas mãe, sogra, tias, cunhadas e familiares, que sempre estiveram ao meu lado auxiliando em outros afazeres e principalmente em oração.

A minha Orientadora Professora Mestre Ana Claudia Yamashiro Arantes, pela paciência, atenção, disponibilidade, ajuda e confiança depositadas em minha capacidade em desenvolver o presente trabalho.

A Gabriele Pacheco Santos, pela disponibilidade, ajuda e atenção nessa criação.

Aos meus amigos pela compreensão, incentivos e orações.

Aos meus colegas que compartilharam nossas certezas, inseguranças, frustrações e vitórias e estiveram sempre ao meu lado me incentivando.

A todos que, de algum modo, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

“O que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós”. (Clarisse Lispector).

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.”
(Mahatma Gandhi).

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade explicar os aspectos psicológicos como perversão, violência, assédios moral e sexual, inconsciente e identificação projetiva com agressor na Síndrome de Estocolmo, investigando as causas que originam seu processo de desenvolvimento até as consequências advindas da relação de identificação afetiva, emocional e aproximação entre os envolvidos. Por ocorrer de forma inconsciente, as vítimas não compreendem a situação de perigo em que se encontra, recusam ajuda e protegem o sequestrador, como se este fosse o único responsável por sua sobrevivência. É a necessidade inconsciente de autopreservação que os faz desejarem ser tocados pela mesma mão que a maltrata.

Palavras-chaves: Síndrome de Estocolmo, Inconsciente, Assédio Moral, Assédio Sexual e Identificação com Agressor.

ABSTRACT

This work aims to explain the psychological aspects such as perversion, violence, moral and sexual harassment, unconscious and projective identification with aggressor at the Stockholm Syndrome, investigating the causes that originate its development process and the consequences concerning the relation of affective identification, emotional and approximation among those involved. Because it occurs unconsciously, the victims does not understand the dangerous situation in which they lies, refuse help and protect the kidnapper, as if he alone is responsible for their survival. It is the unconscious need for self-preservation that makes them wish to be touched by the same hand that mistreats them.

Keywords: Stockholm Syndrome, Unconscious, Moral Harassment, Sexual Harassment and Identification with Aggressor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3. METODOLOGIA	16
4. REVISÃO DE LITERATURA	18
4.1 CONCEITO E ORIGEM DA SÍNDROME DE ESTOCOLMO.....	18
4.2 UMA DINÂMICA PERVERSA EM CATIVEIRO REAL	21
4.3 CATIVEIRO IMAGINÁRIO: “ANDY”	26
4.4 LIMIAR ENTRE O CATIVEIRO REAL E IMAGINÁRIO: A PELE QUE HABITO..	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

O estudo promovido pretende verificar os aspectos psicológicos envolvidos na Síndrome de Estocolmo, estado este desenvolvido pela vítima com a finalidade de se identificar ou até mesmo conquistar a simpatia de seu agressor em situações de sequestro ou cativo em cárcere privado. A criação deste estado se explica como uma fuga inconsciente da situação de perigo em que a vítima se depara, como forma de não causar a si maiores prejuízos.

Etimologicamente, a palavra sequestro tem como origem no vocabulário latino “sequestrare”, que significa “apoderar-se de uma pessoa para exigir resgate ou encarcerar uma pessoa ilegalmente” (JIMÉNEZ-ORNELAS, 2004). Institui de uma forma clara uma transgressão dos direitos humanos, atentando contra a liberdade, integridade e tranquilidade das vítimas, dos familiares e amigos. Assim como o sequestro, cárcere privado também é um crime que atenta contra a liberdade parcial ou total, especificamente contra a liberdade de locomoção, o direito de ir, vir ou ficar. Tutela-o a lei, avisada de que só o Estado, por forma competente, pode privar o indivíduo do gozo desse bem (NORONHA, 1976).

Síndrome de Estocolmo é considerada uma resposta psíquica encontrada, em alguns casos, em reféns que demonstram lealdade ao seu raptor ou opressor, usando como uma estratégia ilusória para proteger a psique da vítima. A identificação afetiva e emocional com o sequestrador acontece para proporcionar afastamento emocional da realidade perigosa e violenta à qual a pessoa está sendo submetida. Porém, a vítima não se torna totalmente alheia à sua própria situação; parte de sua mente conserva-se alerta ao perigo e é isso que faz com que a maioria das vítimas tente escapar do sequestrador em algum momento, mesmo em casos de cativo prolongado.

Para basear a fundamentação teórica deste trabalho, buscamos por publicações científicas acerca desta “patologia”. Ao procurar uma referência clínica para analisar os fatores desencadeantes e os sintomas que a vítima apresenta, a primeira surpresa foi o fato de não haver uma única publicação que abordasse

somente a nosologia da síndrome, como habitua existir em diversas patologias, expondo sintomas, causas, diagnósticos e tratamentos.

Depois de uma acentuada pesquisa, constatamos que a Síndrome de Estocolmo não condiz oficialmente como uma patologia de acordo com a psicologia e a psiquiatria, assim como não há registros dessa Síndrome no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Psiquiátrica Americana (APA). Descobrimos então que o princípio que conduziria este trabalho meramente não existia.

Embora as pesquisas sobre os sintomas clínicos da Síndrome de Estocolmo do ponto de vista psicológico e psiquiátrico não indiquem que se trata oficialmente de uma psicopatologia, cabe notar a imprecisão dos achados sobre a mesma devido à falta de estudos teóricos.

Para melhor entender essa dinâmica, utilizamos filmes como referenciais analíticos, os quais se mostram inquestionavelmente úteis, permitindo através das cenas uma análise de seus registros e de suas percepções. Acredita-se que é possível aprender com a produção audiovisual, justificando a escolha de filmes sobre a temática como objetos de análise. Analisando-os, pode-se perceber tanto a presença de assédio moral quanto sexual, estimulando de forma inconsciente a identificação com o agressor como medida defensiva. Entendemos o assédio moral como um conjunto de comportamentos abusivos, intencionais e frequentes, motivados por atitudes, palavras, escritos ou gestos, que atingem a integridade psíquica ou física da vítima, arruinando seu local de trabalho ou colocando seu emprego em risco.

Assédio moral é uma forma de invasão psíquica na qual o agente “retira da vítima sua capacidade de defesa, retira dela todo o senso crítico, eliminando assim qualquer possibilidade de rebelião” (HIRIGOYEN, 2007, p.108). Essa violência envolve a subversão de princípios éticos individuais e coletivos, sendo especialmente empregada no ambiente de trabalho, afetando deste modo a qualidade de vida do trabalhador, que pode adquirir doenças psíquico-emocionais, físicas, além de considerável sofrimento no trabalho. Esse tipo de humilhação pode afetar ainda a vida particular da vítima, suas relações afetivas e sociais, comprometer sua identidade e dignidade. O agressor pode engrandecer-se

rebaixando o outro, sem culpa e sem sofrimento; trata-se, portanto, de uma perversão moral.

O perverso tem um manejo, às vezes tão sutil, para que tudo haja conforme sua vontade, que se torna impercebível para os desprecauidos. Elisabeth Roudinesco (2007, p. 15) escreve que:

A perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas [e questiona]: O que faríamos se não mais pudesse designar como bodes expiatórios – ou seja, como perversos – aqueles que aceitam traduzir por seus atos estranhos às tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?

Em psicanálise o termo perversão¹ tornou-se um conceito quando Freud colocou ao lado da Neurose e da Psicose, estabelecida como particular a condição humana. Quando a perversão é percebida como patologia, seu caráter principal é a fixação objetual. No perverso o desejo manifesta-se pela atuação, agindo e encenando o desejo, pois a perversão busca objetos externos compensatórios para que a perversidade aconteça.

O assédio sexual consiste no comportamento intrusivo e repetido de uma pessoa a outra, com a intensão de conseguir favores sexuais por meio da imposição de vontade. Esse comportamento ofende a imagem, a dignidade, a honra e a intimidade da vítima, causando constrangimento e importunação ofensiva, prolongada e chantagista para conseguir uma vantagem sexual. Podemos citar ainda o “estupro, que envolve o constrangimento por meio da violência ou grave ameaça, à conjunção carnal ou a outro ato libidinoso” (Lei 12.015/2009, artigos 213 e 214 do Código Penal).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) definiu o assédio, de uma forma geral, como atos de insinuações, contatos físicos forçados, convites impertinentes, desde que apresentem umas das características a seguir: a) ser uma condição clara para dar ou manter o emprego; b) influir nas promoções na carreira do assediado; c) prejudicar o rendimento profissional, humilhar, insultar ou intimidar a vítima (Código Penal, art. 216-A).

¹ Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão foi definitivamente adotado como conceito pela psicanálise, que assim conservou a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou valorizadora e se inscreve, juntamente com a psicose e a neurose, numa estrutura tripartite. (ROUDINESCO, 1944)

Estas ações do agressor motivam uma série de percepções conscientes da vítima em relação a si mesma e a realidade na qual está inserida. Todavia, não se pode menosprezar também a psicodinâmica inconsciente na vítima, a ponto de culminar em uma identificação projetiva com o agressor. Grosso modo, o inconsciente, em psicanálise, trata-se de um lado desconhecido pela consciência: uma “outra cena”. “A inconsciência é uma fase regular e inevitável nos processos que constituem nossa atividade psíquica” (FREUD 1996, p.283). Um ato psíquico inicia no inconsciente, e pode conservar-se assim, devido à ação persistente, ou evoluir para a consciência. Mesmo não sendo Freud o primeiro a *descobrir* ou a *inventar* o inconsciente, fez com que fosse o principal conceito de sua teoria. Para Freud, o inconsciente tem como característica poder ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de influência pelo pensamento consciente, uma percepção que não se está ciente.

A identificação com o agressor, cerne da Síndrome de Estocolmo, trata-se de um movimento psicodinâmico inconsciente, sendo descrita por Anna Freud em 1936 em seu livro “O Ego e os mecanismos de defesa”. O indivíduo se identifica inconscientemente com o seu agressor, podendo assumir o papel de agressor em relação a si próprio ou a outras pessoas. Essa identificação afetiva e emocional com o sequestrador possibilita o estabelecimento de uma distância emocional da realidade ameaçadora e violenta à qual a pessoa está sendo sujeitada.

Durante a identificação com o agressor ou agressão é possível transformar a angústia/ansiedade desencadeada pelo objeto temido em preservação, fazendo com que a vítima abandone o papel inativo composto por sentimentos de fragilidade, vitimização e humilhação, para colocar-se o papel ativa, no qual estão presentes sentimentos de força, capacidade e poder. O indivíduo assume o comportamento do agressor e/ou as suas características para que com isso possa resistir seus medos e ansiedade, e, dessa forma, se proteger. Este mecanismo é de vital importância, pois o eu se constitui mediante as identificações que o indivíduo estabelece no decurso de sua vida: tornar a si o outro (PEDROSSIAN, 2005). Porém, quando essa identificação ocorrer em excesso, pode causar dependência e impede o indivíduo de encarar sua situação.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como se origina a relação entre vítima e agressor.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Elucidar o conceito de Síndrome de Estocolmo.
- ✓ Analisar a relação existente da Síndrome de Estocolmo com o caso Natascha Kampusch; a personagem “Andrea” do filme *O Diabo Veste Prada* e o personagem “Vicente/Vera” do filme *A Pele que Habito*.
- ✓ Averiguar se a vinculação e relação ambígua entre vítima e assediador/agressor só ocorre quando a sexualidade está envolvida.
- ✓ Investigar se a idade da vítima interfere no prognóstico.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa bibliográfica, e para tanto, relaciona a investigação com um “conjunto de conhecimentos reunidos nas obras tendo como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa”. (FACHIN, 1993, p. 102). A pesquisa Bibliográfica foi realizada através de estudos e pesquisas em diversos materiais como: Livros, Revistas, Artigos, Sites da Internet e entre outros, buscando unir maior número de dados e fundamentação teórica para embasar esse projeto de pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (1987, p. 66):

(...) a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Foram utilizadas, ainda como metodologia, a análise de um livro biográfico, um filme baseado em fatos reais e dois filmes ficcionais. A utilização de filmes pode auxiliar na compreensão de certos modelos teóricos; além disso, pode contribuir para compreensão de como os personagens são entusiasmados pelos comportamentos organizacionais e as motivações gerenciais que compõem o mundo real. O cinema é um meio eficiente para referir “os comportamentos humanos, organizacionais, os processos de tomada de decisões, a comunicação, os estilos de liderança e tudo que tem relação com um tema específico” (OSORIO, 2011, p. 1).

Os bancos de dados utilizados foram: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Os descritores utilizados foram: Síndrome de Estocolmo, Inconsciente, Assédio Moral e Sexual, Identificação com Agressor.

A pesquisa foi realizada no período 06 de Março de 2017 a 12 de Novembro de 2017. Os critérios de inclusão foram baseados em bibliografias que estivessem em consonância com o tema abordado, enquanto que os critérios de exclusão basearam-se em materiais que não abordavam o tema apresentado. Utilizados 14

Artigos Nacionais e 04 Artigos Estrangeiros; 02 Teses; 08 Livros; 01 livro bibliográfico e análises cinematográfica em 03 filmes, com ênfase em psicologia.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Para o desenvolvimento desse trabalho foi necessário buscar na literatura alguns conceitos relacionados com a Síndrome de Estocolmo, especificando a visão de alguns autores renomados sobre o assunto, a fim de apresentar a importância do tema para a psicologia.

4.1 CONCEITO E ORIGEM DA SÍNDROME DE ESTOCOLMO

Pode se encontrar vários estudos na psicologia que investigam o agente agressor e as prováveis causas que o levaram a cometer determinadas ações; no entanto, existem poucos estudos científicos que tratam do trauma e estresse do sujeito agredido (FERREIRA-SANTOS, 2006).

A Síndrome de Estocolmo é um estado psicológico no qual vítimas de sequestro ou pessoas detidas contra sua vontade desenvolvem um relacionamento afetivo com seu(s) raptor(es), não necessariamente envolvendo intercuro sexual. Essa solidariedade, por algumas vezes, pode se tornar uma verdadeira cumplicidade, com cativos chegando a ajudar os captores a alcançar seus objetivos ou fugir da polícia. (FERREIRA-SANTOS, 2006, p.20). De forma geral, esta Síndrome pode ser caracterizada como permeada de situações envoltas em tensão, medo, ou até mesmo situações de tortura, em meio ao qual a vítima, apesar de vivenciar os medos, frustrações e anseios de fugir, institui um afeto por seu agressor. Este “afeto” se dá inconscientemente, através do instinto de sobrevivência da vítima, que acredita que precisa acatar todas as regras impostas pelo agressor para conseguir sair daquela situação da forma menos “dolorosa” possível.

A origem do termo Síndrome de Estocolmo surgiu no centro da capital sueca em um episódio ocorrido no dia 23 de agosto de 1973, no qual o assaltante Jan-Erik Olsson entrou com uma metralhadora e explosivo na filial do Kreditbanken, localizado na Praça de Norrmalmstorg, em Estocolmo, com intenção de roubá-lo. Após excessiva troca de tiros com a polícia, Olsson ficou com quatro pessoas como reféns, fazendo exigências como armas, dinheiro, carro, liberdade, e que lhe fosse trazido ao banco Clark Olofsson, presidiário e criminoso muito famoso no país.

O período de cativeiro foi de 23 a 28 de agosto de 1973. Os reféns desenvolveram laços afetivos com seus sequestradores que logo ficaram aparentes. Isto porque, quando policiais iniciaram suas estratégias em libertar as vítimas, estas recusaram ajuda e usaram seus próprios corpos como escudo aos agressores, imputando toda a culpa do fato aos profissionais responsáveis pela solução do crime.

O responsável pela criação da nomenclatura “Síndrome de Estocolmo” foi o criminólogo e psicólogo Nils Bejerot, cooperador da polícia durante o roubo, ao mencionar a síndrome em uma emissão de notícias. Desde então a nomenclatura fora adotada por psicólogos do mundo inteiro.

Quando uma pessoa passa por uma situação extremamente crítica em que sua existência fica completamente à mercê de outra, que detém o poder de vida ou de morte sobre ela, pode-se estabelecer um tipo de relação dependente em que a vítima adere psicologicamente ao agressor. Nesses casos, pode-se estabelecer uma espécie de amor ou paixão que decorre de um processo inconsciente de preservação, cujo mecanismo mais evidente se expressa pela idealização e pela identificação, notadamente pela identificação projetiva, através das quais características da vítima são projetadas no agressor com o fim de manter o controle do outro, defender-se dele e proteger-se de um mal grave e inesperado que ele pode causar (TRINDADE, 2010).

Em casos de sequestros, assaltos com determinado tempo de duração, agressão domiciliar, entre outras situações em que existe uma vítima e um agressor, a vítima passa a evitar comportamentos que desagrade o agressor, procura criar um ambiente com menos aspecto de “terror” e mais de “amenidade”, e se o agressor se mostra também confortável com aquela situação, a vítima passa a acreditar que, se ainda está bem, se ainda está viva, é porque o agressor está lhe protegendo e não querendo seu mal.

Os requisitos exigidos para que a Síndrome seja diagnosticada, segundo Jorge Trindade (2010), são eventos traumáticos (assalto, sequestro, abuso sexual, violência) com ameaça física ou psicológica; crença de que o desfecho irá acontecer; a percepção da vítima, no contexto de terror, de gestos de atenção (carinho, amabilidade, gentileza) por parte do agressor; e o sentimento de impotência para escapar.

O princípio dessa Síndrome é marcado por um evento traumático e estressante em que o indivíduo se encontra como um prisioneiro e cuja fuga é impossível, sofrendo ameaças e abusos, durante os quais ele percebe que a obediência é sua única forma de se manter íntegro. Com o tempo, essa obediência não garante de forma segura a sua sobrevivência, pois o dominador também está em situação de estresse e a variação de seu humor pode gerar sérias consequências. A partir de então, a vítima busca “ler” o agressor, de forma a entender qual ato poderia desencadear ações de violência por parte do mesmo.

Jorge Trindade confirma esta ideia quando afirma que “a vítima, além de não conseguir sentir ódio pelo seu agressor, ainda passa a se colocar em seu lugar, a ver o mundo através de seus olhos, pois, afinal, é pelos olhos do agressor que a vítima se constitui como sujeito.” (TRINDADE, 2010, p. 214). Essa busca de entendimento e compreensão gera um conhecimento do dominador pelo dominado que marca a segunda estratégia de sobrevivência que o inconsciente procura.

Segundo Graham (1994), algumas situações para o desenvolvimento da síndrome são: 1) A percepção de ameaça à sobrevivência da vítima e a convicção de que o captor pode levar a ameaça a termo; 2) A percepção da impossibilidade de escapar, ou pelas limitações físicas por si só (estar presa em uma jaula, ou acorrentada), ou pelo medo das consequências caso consiga fugir (ameaça de que terminará morta ou que a família morra); 3) A percepção por parte da vítima de alguma pequena gentileza do captor em um contexto de terror, mesmo que essa gentileza seja não mata-lo ou a súbita ausência de violência; 4) Isolamento em relação ao mundo externo e impossibilidade de colocar-se sob outras perspectivas que não as do captor. Apesar de essas quatro situações serem avaliadas como fundamentais para o desenvolvimento da síndrome, possivelmente elas não são satisfatórias; outras condições necessárias possivelmente são aquelas que encorajam humanização, promovem interações e reduzam as distâncias psicológicas entre o captor e o refém, e em que o principal desejo do refém seja sobreviver. (GRAHAM, 1994)

Essa síndrome pode se desencadear em vítimas de sequestro, em cenários de guerra, sobreviventes de campos de concentração, pessoas que são submetidas à prisão domiciliar por familiares e também em vítimas de abusos pessoais, como mulheres e crianças submetidas à violência doméstica e familiar. Nem todas as

vítimas desenvolvem traumas após o fim da ocasião. Esse estágio psicológico também pode ser encontrado em outras situações, como escravos e seus senhores, ou por pessoas submetidas a assédio moral em local de trabalho. Em todos esses casos, são características marcantes: a existência da relação de poder e a necessidade de submissão; ameaça de morte ou danos físicos e/ou psicológicos; e um tempo prolongado de intimidação.

A vítima não tem consciência da Síndrome e seu objetivo inicial é proteger a sua própria integridade. Após “se envolver” com o sequestrador/assaltante/agressor, o estado emocional e de estresse são intensos, fazendo com que a vítima acredite que qualquer gesto gentil do agressor tenha o intuito de protegê-la, o que gera facilmente o sentimento de empatia, já que, naquele momento, existe apenas a vítima e o agressor.

Para melhor entendimento desse assunto, citaremos um caso real e outros dois fictícios, esclarecendo sobre o cativeiro real - onde a vítima é privada de liberdade física ao estar literalmente presa em um local físico, tendo somente o sequestrador -, assim como o cativeiro imaginário - onde a vítima tem uma liberdade física de ir e vir, mas continua “presa” em suas lembranças.

4.2 UMA DINÂMICA PERVERSA EM CATIVEIRO REAL

O filme longa-metragem *3.096 dias de cativeiro* foi baseado no livro autobiográfico que se tornou um *best seller* internacional da austríaca Natascha Kampusch, um caso real de uma criança relacionado com a Síndrome de Estocolmo. Ela nasceu em 17 de fevereiro de 1988, em Viena, Áustria, e foi vítima de sequestro no dia 02 de março de 1998.

Natascha passou oito anos sendo subjugada, mantida em cativeiro no subsolo, no porão, como que enterrada viva, em um quartinho sem janelas, indefesa e solitária. Quando as luzes eram apagadas, ficava dias seguidos na escuridão; outros, sem alimentos e com racionamento de água, até chegar a subnutrição, sendo forçada com trabalho intenso, sofrendo espancamentos, humilhações verbais e físicas. Seu agressor era Wolfgang Priklopil, um homem de trinta e cinco anos que a raptou quando Natascha estava a caminho da escola. Ela tinha dez anos na

época, e permaneceu mantida em cativeiro por 3.096 dias, conseguindo escapar em 23 de agosto de 2006.

Embora cada caso precise ser visualizado de forma individual, existem cinco requisitos para que haja uma classificação desta síndrome, como será discorrido a diante. O primeiro requisito afirma que é necessário haver um trauma para ser considerada a Síndrome de Estocolmo. No caso de Natascha, o trauma é desencadeado com o próprio sequestro, ao ser tirada de sua família, casa, amigos, de ser tirada de sua vida.

Na época em que foi sequestrada, Natascha não estava tendo um bom relacionamento com seus pais, pois os mesmos estavam separados e brigavam muito. Sendo ela uma criança ainda, acreditava quando seu sequestrador, com atitudes perversas², dizia que seus pais estavam felizes por não tê-la por perto, que ela não era boa suficiente, não prestava e nem servia para nada, que o mundo lá fora não a queria de volta. Então, pensava precisar ser grata àquele homem que a submetia a humilhações psicológicas e físicas.

“(...) Priklopil queria apenas criar seu próprio mundinho perfeito, com uma pessoa que estivesse ali só pra ele. Provavelmente ele nunca teria podido fazer isso do jeito normal e decidira, assim, forçar e modelar alguém para isso. Em essência, ele não queria nada mais do que as outras pessoas: amor, aprovação, calor. Queria alguém para quem ele fosse a pessoa mais importante do mundo. Ele parecia não ter visto outro modo de conseguir isso senão sequestrando uma menina tímida de 10 anos e a afastando do mundo exterior, até que ela estivesse tão psicologicamente alheia que ele pudesse ‘recriá-la’”. (KAMPUSCH, 2011, p.330).

Neste caso, podemos observar ainda assédio sexual³ ao qual Natascha foi submetida ao ficar algemada pelo pulso ao do seu sequestrador, deitada ao seu lado, sentido sua respiração atrás de seu pescoço, sem poder se mexer até amanhecer. Percebemos, então, o quanto, em determinados momentos, seu inconsciente a defendia da realidade. Pois na manhã seguinte, mesmo enojada em sentar-se à mesa para tomar o café, ela seguia o ritual como sendo algo real, como se nada tivesse acontecido.

² Ao decorrer do filme e livro, percebemos atitudes perversas, quando: o sequestrador faz algo bom e logo em seguida algo ruim, desestabilizando Natascha e criando um ciclo vicioso de expectativa e insegurança; a sujeita em uma série de regras que ele não se sente na obrigação de seguir, mas ela sim; e quando faz uso súbito de elevações explosivas verbais, físicas e emocionais.

³ Sobre assédio sexual, não identificamos com clareza no livro se necessariamente houve penetração. Natascha diz não querer falar sobre o assunto, mas percebemos no filme que o assédio acontece, pois além das carícias durante às quais geralmente era submetida a ficar sem calcinha, Natascha precisava deitar na mesma cama que seu sequestrador, sem roupas, com a mão algemada a dele. Estes episódios indicam a consumação do ato sexual.

“O homem que me batia, me trancava no porão e me deixava sem comer queria alguém para abraçar. Algemada e sob controle, eu era algo que ele podia segurar durante a noite”. (KAMPUSCH, 2011, p.431).

Ela ainda se identifica inconscientemente com o seu sequestrador, possibilitando distância emocional da realidade ameaçada e violenta à qual está sendo sujeitada. Como uma forma de proteção e sobrevivência, percebemos que Natascha não procura ver seu sequestrador como uma pessoa necessariamente má, mas alguém que se tornou o que ele é no curso de sua vida; segundo ela, seu sequestrador poderia ser alguém solitário, que buscava alguém para lhe fazer companhia. Natascha se via em uma situação em que a regressão foi uma saída - em querer um beijo de boa noite e pedir para deixar a luz acesa, ao pensar que poderia ser uma criança ainda menor, não teria responsabilidades, e teria que obedecer a um adulto que “tudo sabe”, como uma tentativa de criar um ambiente agradável e suportável para sobreviver, imaginando estar em seu quarto, em segurança.

“Minha situação era tão diferente de tudo o que se podia prever que regredi inconscientemente para esse estágio – eu me sentia pequena, à mercê de outra pessoa e isenta de qualquer responsabilidade”. (KAMPUSCH, 2011, p.135).

Dentre os gestos de “carinho” por parte do sequestrador está sua disponibilidade de acatar as requisições infantis de Natascha: logo no início do cativeiro, ela pede que ele lhe conte uma estória e lhe de um beijo de boa noite; também lhe pediu que deixasse a luz acesa, pois ela tinha medo da escuridão, então ele assim o fazia. Natascha diz ser grata ao sequestrador pelos pequenos prazeres que ele permitia que ela tivesse: banhos de sol, por uma janela do segundo andar da casa, um mergulho na piscina do vizinho, quando este não estava em casa. Ela precisava se agarrar ao menor ato humano do sequestrador para não esquecer que ainda havia bondade no mundo. Era algo que ela procurou aprender a conviver, pois até então não conseguia fugir; então, se agarrava nesses momentos: quando ele lhe encorajava a continuar algo que de início fazia errado, lhe ajudava com as lições de escola e até a pintar e desenhar. De forma inconsciente e regressiva, Natascha conseguiu suprimir e afastar os horrores que vivia no cativeiro.

“Quando percebia suas alterações de humor, eu era capaz de evitar uma surra. Ao apelar cada vez mais para a consciência do sequestrador, talvez ele tenha me poupado de coisas piores”. (KAMPUSCH, 2011, p.443)

Natascha começa imaginar em alguns momentos, questionando se o jardim era real ou construído. Se o vizinho que acenou para ela não seria um contratado de Priklopil. Com isso, ela hesitou em fugir em várias oportunidades que teve, com medo de não acreditarem nela, sentindo-se impotente, tanto psíquica quanto fisicamente.

[...] ninguém no mundo exterior acreditaria que uma vítima de sequestro pudesse se sentar com seu sequestrador para jogar ludo. Mas o mundo exterior não era mais meu mundo. (...) E havia apenas uma pessoa que podia me tirar da solidão opressiva – a mesma que criara aquela solidão pra mim.” (KAMPUSCH, 2011, p.156).

Como já havia ansiado tantas vezes em fugir, imaginando as cores e o mundo exterior, ela atravessa para algo como um mundo imaginário ao ver no papel de parede da cozinha, onde havia a imagem de um bosque com muitas árvores um ambiente onde poderia se mover para o lado de fora, caminhando sem rumo em liberdade. Mas essa ilusão diminuía quando ela tinha a oportunidade de sair com o sequestrador, ao ir a uma farmácia, pois ele dizia que se ela falasse ou alguém descobrisse quem ela era, ele iria matar todos que estivessem no local, e Natascha não queria que alguém ficasse ferido por sua causa⁴.

“Mas eu seria boazinha. Não queria pôr ninguém em risco. Não ia correr. Só queria sentir um pouquinho o que era a vida das outras garotas da minha idade e andar pela seção de cosméticos da farmácia”. (KAMPUSCH, 2011, p.514).

No caso de Natascha, poderíamos até dizer que por ela ser uma menina carente desde a infância pode ter encontrado em seu sequestrador quem lhe pudesse suprir essa falta, ou apenas por ser uma criança, necessitava da atenção de alguém; mas o que percebemos é que Natascha demonstra desde o início saudade de seus pais. Mesmo não tendo forças para fugir, ela sempre imaginava sua fuga.

⁴ O sequestrador usava manipulação emocional para que Natascha continuasse com ele, pensando estar melhor na companhia do sequestrador do que tentar fugir e ser responsável por alguém correr algum tipo de risco.

“Enquanto eu fazia tudo direito e transitava entre os cenários, a ilusão funcionava. Mas, se houvesse qualquer mudança no roteiro e eu não percebesse, era severamente punida”. (KAMPUSCH, 2011, p.499).

Depois de tentativas anteriores de suicídio, Natascha tenta outras maneiras para acabar com sua própria vida. A via imaginária era a única maneira de escapar, pois ela julgava não haver outra maneira, passando a acreditar naquilo que seu sequestrador sempre lhe falava, que não havia mais ninguém procurando por ela.

[...] ouvi meu nome no rádio pela primeira vez... Natascha Kampusch"... Os autores falaram da pesquisa que fizeram - e de mim, um caso misterioso em que não havia vestígios nem corpo, diziam (KAMPUSCH, 2011, p.487).

Ao passar oito anos e meio - oito natais, os aniversários de 11 a 18 anos, noites incontáveis esperando uma palavra, um toque de carinho e toda sua adolescência longe da família - Natascha conseguiu concretizar sua fuga com sucesso. Para que isso pudesse ocorrer, ela conseguiu ter consciência que tudo que vivia poderia mudar. Pode-se imaginar o quanto isso era difícil, pois com tantas ameaças sofridas durante anos, era natural que ela ficasse sem saber em quem confiar, indagando-se se ainda haveria alguém esperando por ela, e com medo que sua fuga falhasse e seu sequestrador a punisse.

Um dia acordou confiante e forte. Seu sequestrador não parecia tão ameaçador como sempre. Cansada de ser escrava e saco de pancadas do sequestrador, percebeu que não poderia levar aquela vida para sempre; então, no primeiro momento em que se encontrou só, sem a supervisão de seu sequestrador, não deixou essa oportunidade de fuga passar e começou a correr sem rumo, até chegar a uma casa, onde conseguiu ajuda para chamar a polícia. Esta fuga pôde acontecer porque ela voltou a ter consciência sobre sua vida anterior e sobre o sequestrador, percebendo além de toda a identificação projetiva e da regressão inconsciente quem ele era: ele a havia sequestrado, mas ela ainda estava viva por sua própria força de vontade, pois apesar da situação traumática ela sempre havia tentando manter sua identidade⁵.

⁵ Natascha vê a Síndrome de Estocolmo como um diagnóstico classificatório o qual rejeita. Para ela, o uso do termo tem um efeito terrível, pois transforma as vítimas em vítimas novamente ao tirar delas a capacidade de compreender a própria história, transformando essas experiências significativas em objeto de uma síndrome. Julga que aproximar-se afetivamente do sequestrador não é uma doença, mas uma estratégia consciente de sobrevivência, a fim de enganar o sequestrador. Acreditamos que essa tentativa de manter sua própria consciência como não influenciável pelo agressor na verdade foi resultado do movimento inconsciente de identificação projetiva que ela estabeleceu com o mesmo. Quando ela critica a

4.3 CATIVEIRO IMAGINÁRIO: “ANDY”

“O Diabo Veste Prada” é um filme baseado no livro “*The Devil wears Prada*” da autora Lauren Weisberger, que mostra os bastidores da mais importante revista de modas de Nova York, a *Runway Magazine*, uma publicação em relação do mundo e os caminhos da moda.

Pretendemos então enfatizar através de caso fictício⁶ a importância em ver a Síndrome de Estocolmo além de uma visão cristalizada, o que permite, por exemplo, a fazer uma análise de uma personagem que não foi sequestrada, mas que está inserida na dinâmica psicológica co-dependente por sofrer assédio moral na empresa.

Andrea Sachs (Andy) foi formada em jornalismo pela Universidade de Northwestern; é uma pessoa simples, e, por diversas vezes, ingênua, no que se refere ao mundo da moda. Ao chegar para entrevista na Runway magazine, uma prestigiada revista de moda, percebeu que existia um clima de terror disseminado no local: as pessoas viviam apoderadas pelo medo e se sujeitando aos pedidos invasivos da prepotente editora-chefe Miranda Priestly⁷. Andy esclareceu na entrevista de seleção que nunca ouvira falar da revista e nem tampouco de sua entrevistadora, fazendo com que Miranda respondesse de forma arrogante, humilhando-a. Andy não se desencorajou e disse que apesar de não entender de moda poderia aprender com boa vontade, além do fato de possuir outras qualidades que considerava importantes para conseguir a vaga. De início, procurava trabalho na área de jornalismo, mas por falta de opção e para ganhar experiência, aceita o emprego que lhe foi concedido na revista.

Não se intimidando diante a frieza da editora-chefe, Andy afrontou Miranda, fato esse incomum, deixando claro seu ponto de vista. Outros motivos podem ter

sociedade, que classifica o criminoso como “besta” sanguinária e as vítimas deste como “cordeiros indefesos”, podemos ver que ela sai em defesa do agressor. Em suas palavras, diz sobre seu sequestrador: “... [ele se] tornou minha família. Eu não tinha escolha a não ser aceitá-lo como tal, e aprendi a obter felicidade dessa afeição e a reprimir o que era negativo”. (KAMPUSCH, 2011, p.445). Nesse e outros trechos de seu livro, percebemos a empatia criada com o sequestrador, que demonstram lealdade, alternada de situações com tensão, medo, tortura, vivenciando frustrações e anseios de fugir, ambiguidade esta que instituiu um afeto pelo sequestrador. Este “afeto” se deu inconscientemente, através do instinto para sua sobrevivência, acreditando que precisavam obedecer todas as regras impostas.

⁶ Baseada em uma editora real da Vogue Magazine de Nova York. <https://vejasp.abril.com.br/blog/beleza-de-blog/8220-o-diabo-veste-prada-8221-da-vida-real-anna-wintour-editora-que-inspirou-o-filme-faz-um-tour-virtual-por-seu-escritorio/>

⁷ Miranda instituiu um assédio moral ao fazer várias exigências que adentravam nos horários de folga dos funcionários, não permitindo em muitas situações que eles tivessem uma vida social saudável. Miranda demonstra com isso atitudes perversas, tratando as pessoas como objetos, mantendo-as à sua disposição ou descartando-as de acordo com suas necessidades, revelando um sentimento de grandiosidade, foco egocêntrico e uma necessidade de admiração. A respeito desta objetificação das pessoas, podemos sinalizar que lhe falta consideração e empatia pelas mesmas, um sinal de perversão.

colaborado para a contratação de Andy, como ser uma candidata sem experiência anterior, pois assim poderia “formatar-se” de acordo com o esperado da empresa, assim como o fato de Andy ser diferente das outras candidatas que conheciam a revista. Andy foi se dedicando e se adequando cada vez mais o convívio com toda aquela opressão. Até então, percebemos que Andy estava consciente de suas ações.

De início, podemos perceber o Assédio Moral exercido tanto pela editora, ao fazer várias exigências que adentravam nos horários de folga de Andy, não permitindo em muitas situações que ela tivesse uma vida social saudável, como também pelos colegas de trabalho; este se dava quando Andy ainda não conseguia adotar os valores e a aparência das colegas, cujos estilos de vestir-se atendiam aos padrões da moda, sofrendo *bulling* em relação a suas roupas e cabelo. Além disso, Miranda⁸ sempre a tratava com desprezo, e não raras vezes olhava para Andy com certo desdém e pena, demonstrando prazer em humilha-la e subjuga-la, assim como a outros funcionários da revista.

Observamos, então, o evento traumático, quando Andy não tem mais espaço para os amigos, namorado e família, sacrificando assim, sua vida pessoal pelo sucesso profissional, pois o trabalho envolvia sua vida particular. A moça ingênua torna-se uma mulher de acordo com os padrões da moda, e, realizando suas tarefas com competência, consegue o cargo de primeira assistente de Miranda, sendo surpreendida por sua chefe a ponto de receber elogios, algo nunca feito a nenhuma outra assistente.

Podemos dizer ainda que Andy sofreu coerções psíquicas ao precisar mudar seus comportamentos, atitudes e aparência para ser aceita em seu grupo de trabalho, mas acabou sentindo-se atraída por esse mundo de glamour, pelos valores e pelo estilo de vida. Até porque ela começa a ouvir que deve agradecer por estar em um lugar onde “milhares de garotas dariam a vida para estar”.

Andy se mostra muito feliz e satisfeita por ter conseguido agradar Miranda, já que a chefe, por fim, a chamara por seu nome - deixando de lado a utilização de um nome genérico que representava o posto de assistente - e lhe confiou à tarefa de

⁸ A personagem assim demonstra formas típicas de sadismo. O termo sadismo, usado na clínica para os casos de perversão em que o desejo está na manipulação e obtenção da dor do outro, é uma “homenagem” ao Marquês de Sade. Em seus escritos (que mais eram um tratado da filosofia libertina), Sade descreve como a sociedade deveria agir em busca da concretização dos prazeres sexuais mais diversos, inclusive a tortura para obtenção do gozo ou outro meio de manipulação da dor do outro. (ROUDINESCO, 2008). Posteriormente o termo passou a englobar também os casos não ligados ao controle do outro a partir dos meios sexuais, mas a qualquer modo de fazer deste outro um objeto para concretização de demais desejos e aproximando-se da sociopatia.

levar “o livro” de tendências para a próxima edição da revista na sua casa, ao final do expediente. O que seria uma tarefa e uma responsabilidade a mais é entendido pela funcionária como uma recompensa, uma forma de “carinho”. Andy conta a novidade para Emily, sua colega de trabalho, ao chegar ao escritório: “*Sabe, se posso entregar o livro, significa que fiz algo certo. E você sabe que ela me chamou de Andrea? Quero dizer, ela não me chamou de Emily, isso não é ótimo?*” De forma inconsciente, ela pensa estar tentando se adaptar e for aceita.

Quando Andy está em um jantar da revista, durante a semana de moda de Paris, a sedução em relação a chefe assediadora se mostra ainda mais concreta, como elucida o seguinte diálogo: “*Sim, há coisas em Miranda que eu não concordo, mas...*”; Christian: “*Vamos lá, você a odeia, apenas admita!*”; Andy: “*OK, ela é durona, mas se ela fosse um homem as pessoas só fariam como ela faz bem o seu trabalho*”. Percebemos a convicção nos comportamentos de Miranda quando Andy a defende. Essa defesa pode ser a demonstração de afeto inconsciente citado na Síndrome de Estocolmo. Percebemos o quando ela já está capturada afetivamente de forma a incorporar os valores que justificariam a forma de comportamento de Miranda e o que move esse afeto é busca pela aceitação.

Percebendo sua identificação projetiva em Miranda, quando a critica por sabotar os planos de ascensão profissional de Nigel, o estilista da revista, a fim de prejudica-lo e substituir o novo posto que ele ocuparia premiando uma concorrente em potencial, Andy se dá conta de que ela fizera o mesmo, tomando para si o posto que antes fosse da sua colega Emily. Esta percepção é confirmada quando Miranda endossa a identificação projetiva, dizendo: “*Eu vejo muito de mim em você*”. Esta frase a deixa perturbada, pois Andy percebe a quão próxima ela está de se tornar outra Miranda Priestly e o quão distante ela ficou de suas crenças, seus valores e seus objetivos de vida. Só assim percebe que não gostaria de ter a vida da Miranda e conclui que precisa reconsiderar suas decisões e encontrar um espaço ao qual ela pertença. Fez sua escolha em desistir da Runway, adquirindo um grande amadurecimento e mostrando que as escolhas são possíveis e necessárias. Com isso, pôde manter sua simplicidade, adotando em sua aparência um estilo jovem, leve, elegante, e principalmente, um olhar seguro e determinado, retomou seu desejo de se tornar repórter ou/e escritora do New York Mirror.

Não podemos deixar de pontuar a identificação com o agressor. Andy mudou seus hábitos alimentares e passou a usar novas roupas, passando a ser a pessoa que Miranda queria que ela fosse. Mesmo quando Andy toma consciência de seus atos e decide voltar a sua vida anterior, o olhar que recebe de Miranda ao entrar no carro após ter abandonado seu posto de assistente é de extrema importância, pois de alguma forma ela consegue a aprovação que tanto almejava.

Andy viveu uma indecisão pessoal e profissional ligados principalmente ao fato dela não conhecer com segurança a si própria, seus valores e forças. Talvez por não tiver passado por uma situação em que estes valores tivessem de ser confrontados, demonstrando impotência para escapar - “Eu não tive escolha” – era o que dizia para justificar sua obediência para com Miranda que culminou em traição para com a colega Emily. Ao abandonar a identificação projetiva que havia se instituído ao adotar os comportamentos de Miranda como modelo, pôde romper também a letargia referente à produção de textos no período em que estava na Runway e se lançar em direção ao anseio profissional.

4.4 LIMIAR ENTRE O CATIVEIRO REAL E IMAGINÁRIO: A PELE QUE HABITO.

La Piel que Habito - (A Pele que Habito ou A Pele Onde Eu Vivo), um filme espanhol, de 2011, dirigido por Pedro Almodóvar, baseado no romance *Mygale* (1995), publicado posteriormente sob o título *Tarántula* (2005), de autoria do escritor francês Thierry Jonquet - traz a história de Robert Ledgard, um conceituado cirurgião plástico, que procurava construir uma pele resistente à queimadura, cortes e picadas de insetos, para reconstrução da pele de sua esposa que teve o corpo inteiramente queimado após um acidente de carro, e, ao ver sua imagem refletida na janela, se suicidou. Ele vivia com sua filha Norma, que possuía problemas psicológicos causados pela morte da mãe, e, por orientação médica, Robert leva Norma para sair e socializar com outras pessoas. Neste passeio, Norma conhece Vicente e logo depois é encontrada desacordada. Robert pensa que a filha foi estuprada e elabora um plano para se vingar do suposto estuprador.

Em sua investigação, Robert encontra Vicente, o suposto estuprador, mantendo-o em cárcere privado, confinado, até a morte da filha. Após o suicídio de Norma, Robert inicia a transformação de Vicente em Vera, submetendo-o

involuntariamente à cirurgia de mudança de sexo. Adere ao corpo de Vicente uma nova pele artificial ultra-resistente chamada “Gal” (o nome de sua primeira mulher). Implantando tal pele no novo corpo de Vicente, agora um corpo feminino através da cirurgia plástica e de hormônios, passa a se referir a Vicente com um novo nome, um nome feminino: Vera, nomeando sua criação como um ato de domínio/posse do novo corpo, no qual o rosto torna-se a imagem e semelhança de Gal.

Tendo que habitar sob a pele de Vera, Vicente procura formas de elaborar ou de conter a sua situação - uma situação que é sua, mas que na verdade foi imposta a ele -, então percebe que só irá sobreviver ao transformar-se na projeção de seu sequestrador. A vingança de Robert mostra Vicente posto no lugar pleno de objeto de uso, com a dignidade de carne de porco - pois era com a carne de porco que o médico fazia suas experiências -, sem passado ou desejo.

Ao assistir o filme algumas vezes, consegue-se construir uma relação entre o personagem de Vicente/Vera e os requisitos para diagnosticar a Síndrome de Estocolmo. Vicente foi sequestrado e mantido em cárcere por seis anos. Sofre ameaça física e psíquica ao ser submetido a cirurgias e torturas⁹. Também foi constrangido a introduzir os dilatadores de diversos tamanhos na vagina artificial, para alargar. Já com corpo de mulher, tenta escapar; quando não consegue, ameaça se matar e corta seu pescoço. Quando suas tentativas são em vão, ele/ela mesmo presa em um corpo feminino, não aceita adotar essa personalidade feminina, então procura um lugar de refúgio na yoga, quando pode se conectar com seu eu real. Podemos encontrar então o desencadeador do trauma como o próprio sequestro e a mudança de sexo sem consentimento podendo se caracterizar como o momento traumático, assim como as ameaças físicas e psíquicas, por ver seu corpo sendo transformado.

Há um momento no filme em que Vera pergunta a Robert se ela está terminada, se precisa de alguma melhora; ele diz que sim, mas ela ainda quer saber o que ele irá fazer agora que ela está terminada. Ele diz que não sabe. Para ganhar sua confiança, ela devolve um isqueiro que ele esquece e tenta seduzi-lo, dizendo que ela foi feita sob sua medida. Ele a deixa e foge. Ao pensar ter perdido sua

⁹ Robert mostra atitudes perversas: na manipulação do corpo do outro como objeto, com uma frieza aparente para concretizar suas ações específicas de vingança, excluindo totalmente as necessidades e preocupações de Vicente. Robert isola-o de sua rede de apoio, o que inclui amigos e familiares, tornando-o dependente, propenso a confiar somente nele. Robert se deixa levar por um sentimento de raiva não resolvida e uma percepção mais aguçada ou exagerada de que foi injustiçado, anulado, ou negligenciado, projetando esta raiva em Vicente, suposto responsável por sua dor.

identidade masculina, Vicente - que agora é Vera - tenta se aproximar de seu sequestrador a fim de garantir sua sobrevivência.

Vicente apresenta ter se transformado perfeitamente em Vera, especialmente quando defende Robert de um colega que o incrimina de sequestro: *“eu não me chamo Vicente. Sou Vera, sempre fui uma mulher”* - criando um laço afetivo que de início é singular e não consentido, pois o que lhe resta é apegar-se ao único Outro que tem como referência. Esse novo sujeito se faz alienar, primeiramente, ao Outro e se lhe oferece: *“você é a única coisa que me resta”*.

O corpo sustenta como matéria a produção dos processos de identificação, a partir das suas evidentes marcas visuais que expõem a identidade do sujeito consigo mesmo e com a sociedade. Mas o corpo também é o responsável por separar o indivíduo do mundo e do outro, lugar onde se pode terminar a alteridade (GIL, 1997). Entendemos a identidade corporal como uma construção individual que envolve a visão do sujeito sobre si mesmo e a relação que ele estabelece com o outro.

Percebemos o abuso sexual quando Vera é estuprada pelo meio irmão de Robert, Zeca, que entrou na casa sem permissão. Acreditando ser uma solução de fuga do cativo, Vicente usa seu corpo de Vera para fazer sexo com Zeca, que chegou à casa foragido da polícia com intenção de que seu meio irmão mudasse as características de seu rosto, a fim de não ser reconhecido. Isso fez com que forçasse Robert matar seu meio-irmão ao ver a cena em sua casa, de Zeca penetrando fortemente em Vera/Vicente. Ao ver tal cena, Robert, furioso, aponta a arma primeiramente para ela, que demonstra através do olhar de desespero que não é “consentido”; então, Robert mata o estuprador e a abraça. Depois que Robert se desfaz do corpo do estuprador, volta para casa e tenta relação sexual¹⁰ com Vera. No momento do estupro, Vera se lembra das orientações da professora de yoga em relação a buscar um refúgio dentro de si mesma; através dessa arte oriental, assim como as frases escritas na parede do quarto que simbolizam o esforço da personagem em manter-se viva psiquicamente e não entregar-se às adversidades

¹⁰ Como se Robert esquecesse que Vicente é o suposto estuprador de sua filha, pois agora Vicente tem o corpo de Vera, corpo este criado perfeitamente, com os traços de sua primeira esposa. Robert passa então a sentir desejo sexual, tentando consumir o ato. Podemos perceber um dos requisitos como evento traumático o abuso sexual que Vera sofreu; com Robert, o sexo aconteceu com o intuito de criar um vínculo ou confiança aparentemente consensual, mas depois vimos um “arrependimento” de Vera, semelhante ao estupro que havia sofrido de Zeca.

que lhe aconteceram, Vera encontra uma forma de alheamento de si como modo de enfrentamento daquela situação.

Vera propicia-se alguma empatia pelo seu sequestrador por tê-la “salvado” do agressor. Essa empatia se fortalece quando a governanta, que também é mãe de Robert, conta-lhe a história de quando ele viveu com a esposa, como sua esposa o traiu com Zeca e como esposa e filha cometeram posteriormente suicídio.

Vera tem oportunidade de escapar quando sai para fazer compras com a governanta e quando um amigo de Robert está em sua casa. Após chegar das compras e defender Robert do amigo, Vera vê sua foto de desaparecido em um jornal e se entrega a ter relação sexual com Robert. Mas Vera deseja que sua mãe não se esqueça dele e não desista de procurá-lo. Porém, há ao mesmo tempo um desejo e uma necessidade de não entregar-se ao que lhe acontece. Tenta uma solução para seu conflito, entre buscar a liberdade e a atração que sente pelo seu sequestrador. O dilema está em manifestar efetivamente as supostas características psicológicas do novo “corpo” (em si mesmo uma ilusão montada por meio da castração cirúrgico-psicológica e de “pele de porco”), ou planejar sua sobrevivência como homem e encarar o mundo encarcerado em si seu corpo criado por Robert.

A essência de Vicente, no entanto, permanece no corpo de Vera. Mesmo que psicologicamente ele esteja no limite entre dois estados de existência com as modificações sofridas, jamais dissiparam a vontade do rapaz em voltar para casa. Toma consciência ao ver novamente sua foto no jornal, quando percebeu que sua mãe não deixou de lhe procurar. Então, mata Robert e a governanta a tiros e foge para sua casa, em busca de sua vida. Agora ele tem a reação vingativa da criatura contra o criador. Ao chegar ao reencontro de sua mãe e Cristina, uma moça que trabalha com a mãe de Vicente e em relação a qual ele tem interesse amoroso, há um diálogo que possibilitará que Vicente seja reconhecido por sua mãe e com isso, demonstre que, no corpo de Vera, ele ainda habita.

No cativeiro real (fisicamente preso), Vicente passou por mudanças, assédios e violência, porém só poderia fugir fisicamente, como assim o fez. Mesmo sujeitado a experiências traumáticas e uma castração física, vigiado através das câmeras por anos, sua sobrevivência psíquica deve-se a capacidade de sua resistência diante daquela situação. Mas ainda havia um cativeiro imaginário (emocionalmente preso): preso em um corpo que naturalmente não era o dele, um corpo que foi transformado

para suprir o desejo perverso de outro. Em corpo de mulher, a explicação afetiva para Vicente poder existir poderia ser uma relação lésbica ao nível da pele, mas que não seria lésbica ao nível do seu eu psicológico, pois a cirurgia de construção vaginal foi uma intervenção escolhida por outrem, não gerando em Vicente o real desejo de ter relações sexuais vaginais com “homens”.

Podemos visualizar a dinâmica da Síndrome de Estocolmo em especial na relação afetivo-psicológica no cativo real e no imaginário. O cativo real, onde Vera/Vicente é submisso às vontades de Robert, sinaliza o pertencimento à síndrome: suas tentativas de fuga, enfrentamento e atitudes físicas de confronto são poucas; mesmo na cena em que ele coloca uma cadeira em frente ao espelho e vê que seu órgão genital foi mudado, não há expressão de fúria. Notamos o cativo imaginário a partir do momento em que ele chega ao ateliê de sua mãe e diz que é seu filho. Até o final do filme não há negação do corpo, como se ele aceitasse sua situação - talvez por saber que não poderia destruir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se depreender que a Síndrome de Estocolmo ocasiona uma aproximação afetiva entre o agressor e a vítima de forma inconsciente. Prezando por sua autopreservação, a vítima procura conhecer melhor seu agressor, criando, por conseguinte, uma relação amigável, a ponto de não mais reconhecê-lo como alguém que lhe colocou em situação de risco, mas sim como alguém que a protege e que deve ser protegido daqueles que estão “de fora” e visam puni-lo; sendo assim, essa relação vítima-agressor pode ser mais importante do que sua vontade em ver punido aquele que lhe provocou sofrimento.

Apesar de não haver um estudo que tratasse apenas da síndrome, por ela não ser reconhecida formalmente como patologia, diferentes estudos foram encontrados acerca da relação entre a Síndrome de Estocolmo com outros fatores, tais como sequestros e com vítimas de assaltos. A mente fabrica uma estratégia ilusória para proteger a psique da vítima. A identificação afetiva e emocional com o sequestrador acontece para proporcionar afastamento emocional da realidade perigosa e violenta à qual a pessoa está sendo submetida.

Conforme observado no caso Natascha e os outros dois casos fictícios, as vítimas demonstravam condutas hostis de forma inconsciente àqueles que tentavam mostrar a verdadeira face de seus assediadores ou sequestradores, como redução das possibilidades de comunicar-se adequadamente com as outras pessoas, incluindo o próprio sequestrador, impossibilidade de manter contatos sociais, desacreditando ou impedindo de se manter uma boa reputação pessoal, reduzindo suas tarefas e sua empregabilidade mediante o descrédito profissional, se submetendo a procedimentos desnecessários e afetando assim a saúde física e psíquica da vítima.

Concluimos através das semelhanças nos casos citados acima, como na busca pela aceitação de seus sequestradores as vítimas se identificavam de maneira a conseguir lealdade ao seu sequestrador, usando esta vinculação afetiva como uma estratégia ilusória para proteger a psique, mas havendo uma esperança de fuga, mesmo que aliada de um sentimento de impotência. Ainda que para causar

essa Síndrome não seja necessário que envolva ato sexual, posto que no caso de Andy a vinculação afetiva de dependência não tinha esta natureza, cabe considerar os casos em que o assédio sexual está implicado, como, por exemplo, nos inúmeros casos de violência doméstica contra a mulher. Pertencendo a esta mesma dinâmica inconsciente, tais casos, que não raros culminam em assassinatos da parceira, são de difícil intervenção, justamente porque as vítimas acobertam a violência sofrida, vindo até mesmo a defender seu agressor, a fim de que ele não seja punido, justificando a agressão sofrida como resposta às agressões ou provocações iniciadas por elas. Como tais casos não foram objeto de enfoque desta investigação, apenas sinalizamos seu pertencimento à dinâmica co-dependente incitada pela síndrome de Estocolmo, ressaltando que, todavia, seriam necessários outros trabalhos a fim de corroborar tal análise.

Atualmente, podemos perceber cada vez mais a incidência de outros desencadeadores da identificação projetiva inconsciente entre vítima e agressor que não foram o objetivo do trabalho, mas que vale citar, como a violência doméstica sofrida principalmente por mulheres e crianças, sendo uma das violências mais invisíveis, restrita ao lar e seus moradores que banalizam e naturalizam esse fenômeno. Há várias tentativas de explicações dos motivos que alguns homens agredem as vítimas, como disfunção familiar, comunicação inadequada, provocação da própria mulher, estresse, à dependência química, falta de espiritualidade e dificuldades financeiras. Embora todas as coisas acima relacionadas possam estar associadas com a agressão, elas não são sua causa, e assim, as vítimas sofrem violências físicas, psicológicas, negligências de diversos âmbitos e violência sexual, casos que vêm aumentando em frequência e intensidade.

Podemos relacionar à Síndrome de Estocolmo com a violência doméstica, pois as vítimas desconhecem quer a dimensão criminal dos atos violentos exercidos contra si, quer os seus direitos. Não se identificando como vítimas, não procuram a ajuda necessária. As crianças estão atentas ao que está acontecendo, embora não tenham o entendimento, mas certamente reconhecerão e serão afetadas pela violência. Há várias resposta a essa violência, dependendo da idade e do sexo da criança. É necessário que haja uma denúncia no primeiro momento que se sofre a violência, mas esta nem sempre acontece. As mulheres agredidas não encontram suporte ao deixar essa relação abusiva, e cabe ao Sistema Único de Saúde (SUS)

proporcionar esse suporte institucional, abrigos seguros e a oportunidade financeira de sair do ambiente violento.

O trabalho em equipa multidisciplinar é importante, assim como a capacitação dos profissionais, de forma a corresponder às necessidades da vítima aos mais variados níveis: legal/judicial, social, médico, psicológico. Com isso, é essencial que os juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados estejam preparados e capacitados para atender e fornecer suporte àquelas que superaram a vergonha, o embaraço e medo de denunciarem os seus parceiros. Os operadores do direito podem exercer um papel vital para ajudar a acabar com a violência doméstica. Os profissionais da saúde mantêm uma posição de desinformação, indiferença, negação, preconceito e temor com respeito ao problema da violência doméstica e a suas consequências, assim como na detecção e prevenção de situações potencialmente perigosas, por medo de obrigações legais impede de tomar atitudes que pudessem auxiliar as vítimas.

O objetivo da violência psicológica é sensibilizar afetivamente o outro para realizar a necessidade do agressor de atenção, carinho e de importância, assim, muitas mulheres são vítimas caladas. As atribuições dos psicólogos nas delegacias estariam associadas às atividades de prevenção da violência, ou como atividades complementares ao trabalho estritamente policial, com vistas a um melhor atendimento, acompanhamento e encaminhamento da vítima. Caberá ao psicólogo promover ou resgatar a autoestima da mulher, acolher e orientar ou tentar promover o entendimento do casal.

Outro fator elencado como passível de exercer influência na manutenção da co-dependência afetiva refere-se à idade da vítima na época e que a configuração traumática se deu. Quanto a isso, os estudos de caso elencados apontam para a hipótese de que a idade não interfere na psicodinâmica da vítima, bem como não influencia no prognóstico, já que podemos perceber que no caso de Natascha ela ainda era uma criança ao ser sequestrada, e mesmo assim manteve seu desejo de escapar, concretizando-o quando teve oportunidade. No caso de “Vicente”, que já era um jovem quando passou pela transexualidade forçada, os padrões que estabelecem a possível violência (simbólica e física) entre agressor e vítima igualmente se fez notar, adicionadas às expectativas da vítima em lidar com uma liberdade física sem fazer pleno uso de uma liberdade do corpo, já que se

defrontava com questionamentos sobre seus novos papéis sexuais e afetivos. Mesmo assim, a fuga é concretizada, abrindo campo para que a identidade possa se desdobrar em meio a um cativo menos imediato. O caso da “Andy” sinaliza a ausência mesma de um cativo real, em que a co-dependência estabelecida com a agressora tem um caráter eminentemente imaginário, configurando-se em um desejo de aprovação e pertencimento no âmbito do trabalho. A identificação projetiva de Andy ocorre quando ela já é adulta, não ocasionada nem por uma situação de sequestro, nem por meio de uma relação sexual com o agressor. No caso desta personagem os contornos da Síndrome se dão por meio do perfil da vítima de assédio moral no trabalho. Mesmo neste cenário, o prognóstico foi positivo, já que Andy pôde se libertar do trabalho opressor sem identificar-se completamente à imagem que Miranda lhe devolvia, a ponto de não anular sua autoestima e não desistir de suas potencialidades profissionais.

No que concerne a este último caso, percebe-se que a valorização do trabalho e a dignidade da pessoa humana são princípios constitucionais ignorados em cada situação de assédio moral vivenciada no trabalho. O sofrimento psíquico dos trabalhadores causado em virtude de práticas humilhantes, constrangedoras, desrespeitosas, ou ainda, mediante cobranças de atingimento de metas exorbitantes, leva a adoecimentos que muitas vezes não são associados a esta causalidade, tais como depressão, dependência química, transtornos de comportamento e, não tão raro quanto se possa pensar, ao suicídio. O medo do desemprego, as exigências de produção, agilidade e disponibilidade cada vez mais elevadas num mercado imensamente competitivo fazem com que o indivíduo se humilhe perante as situações nas quais há um sério risco de rebaixamento da sua dignidade. Esse indivíduo que frequentemente é desrespeitado e diminuído em seu trabalho, perde a sua dignidade, a sua autoestima, e deixa de se reconhecer, perdendo parte de si mesmo, assim como ocorre quando em cativo real, e, portanto, participa da mesma dinâmica co-dependente expressa perante um agressor perverso, sendo típica da Síndrome de Estocolmo. O desafio deixado à Psicologia é evitar restringir os aspectos emocionais oriundos do assédio moral no trabalho à psique do trabalhador, percebendo a teia de relações nas quais ele está envolvido, em relação às quais ele muitas vezes responde apenas de forma

simbólica, já que em tais ambientes moralmente assediadores a dor deve ser calada.

O poder do inconsciente é surpreendente ao instituir nas vítimas uma vinculação afetiva com o agressor a ponto de camuflar as verdadeiras intenções dos mesmos, mantendo essa “cegueira” emocional e psicológica a fim de proteger psíquica e fisicamente o ego da vítima, que estabelece uma relação de co-dependência em relação a seu agressor. Constatamos ainda, através desta pesquisa, que há pouco material de investigação escrito em língua portuguesa, sendo que, antagonicamente, muitos brasileiros vivem essa realidade em ambientes de trabalho e até em seus lares com cônjuges abusivos. Ressalta-se a necessidade de realizar mais estudos e divulgação científica sobre esta psicodinâmica, para que as vítimas sejam capazes de ter consciência do que estão sendo submetidas, reconhecendo-se como vítimas da Síndrome de Estocolmo, e, nesta senda, capazes de romper com o silêncio co-dependente para buscar ajuda profissional adequada.

Síndrome de Estocolmo, mesmo não sendo considerada uma patologia, deveria ser reconhecida como tal, pois como já percebemos através deste trabalho, há vários aspectos pertinentes relacionados com essa síndrome. Com isso, recomenda-se que a investigação desse assunto seja realizada nas mais variadas instâncias e áreas de saber, de modo que o assunto possa ser cada vez mais divulgado para que aqueles que sofrem, para que tenham consciência desse sofrimento, sendo capazes de encontrar o mesmo prognóstico positivo que as personagens estudadas indicaram.

REFERÊNCIAS

ARAGUAIA, Mariana. **SÍNDROME DE ESTOCOLMO**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/doencas/sindrome-estocolmo.htm>>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

BORGES, Sherrine Njaine. **METAMORFOSES DO CORPO: UMA PEDAGOGIA FREUDIANA**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 197 p. ISBN 85-85676-03-5. Available from SciELO Books.

BROTTO, Thaiana F. (CRP 06/106524) **SÍNDROME DE ESTOCOLMO**. Psicólogos em São Paulo – Psicólogos Berrini. Copyright © 2017. Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/psicologo-panico-medo-e-fobia/sindrome-de-estocolmo>.

BUJAK, Selena Maria Klock. **O ASSÉDIO MORAL NO CENÁRIO TRABALHISTA CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE DA SUA OCORRÊNCIA DIANTE DAS NOVAS FORMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO E A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DA DIGNIDADE DA PESSOA QUE TRABALHA**. 14 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FACHIN, Odília. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA**. Editora Atlas. São Paulo, 1993.

FERREIRA-SANTOS, Eduardo. **TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM VÍTIMAS DE SEQUESTRO**. Tese de psiquiatria. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5144/tde.../EduardoFerreiraSantosDoutorado>.

FONSÊCA, Ana Lucia Barreto da; MARIANO, Maria do Socorro Sales. **DESVENDANDO O MECANISMO DA PROJEÇÃO**. Psicologia & foco, Aracaju, Faculdade Pio Décimo. Vol. 1 (1). Jul./Dez 2008.

FREITAS, ADG; LEITE, NRP. **LINGUAGEM FÍLMICA: UMA METÁFORA DE COMUNICAÇÃO PARA A ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ORGANIZAÇÕES**. Revista Administração. Jan/Mar, 2015.

FREUD, Anna. **O EGO E OS MECANISMOS DE DEFESA**. Tradução Francisco Settíneri. Porto Alegre : Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. **TRATAMENTO PSÍQUICO (OU ANÍMICO)**. Rio de Janeiro, 1996. Editora Imago.

GÓMEZ, Andrés Montero. **PSICOPATOLOGÍA DEL SÍNDROME DE ESTOCOLMO: ENSAYO DE UN MODELO ETIOLÓGICO**. Ciência Policial nº 51, 1999. Disponível em: <http://www.camino.org.uy/sindromedeestocolmo>.

GRAHAM, Dee; et al. **LOVING TO SURVIVE: SEXUAL TERROR, MEN'S VIOLENCE AND WOMEN'S LIVES**. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

HIRIGOYEN, Marie-France. **ASSÉDIO MORAL: A VIOLÊNCIA PERVERSA NO COTIDIANO**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

JIMÉNEZ ORNELAS, René A. **EL SECUESTRO: UNO DE LOS MALES SOCIALES DEL MEXICANO**. In: René A. Jiménez-Ornelas & Olga I. de G. Mariscal. El secuestro: problemas sociales y jurídicos. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2002. Disponível em <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/1/244/2>.

JÜLICH, Shirley. **STOCKHOLM SYNDROME AND CHILD SEXUAL ABUSE**. Journal of Child Sexual Abuse, Vol. 14(3) 2005.

KAMPUSCH, Natascha. **3096 DIAS POSSO FINALMENTE DIZER: SOU LIVRE**. Literature Estranger. Editora: Verus Editora. Grupo Record. 1ª Edição. Brasil, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. São Paulo: editora Atlas, 1987.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **VOCABULÁRIO DE PSICANÁLISE**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

NORONHA, E. Magalhães. **DIREITO PENAL**. São Paulo: Saraiva, 1976.

OSORIO, Mariana. **15 FILMES QUE TODO ADMINISTRADOR DEVE VER**. 20 de maio de 2011. Disponível em:

<http://www.administradores.com.br/noticias/administracao-enegocios/15-filmes-que-todo-administrador-deve-ver>.

PEDROSSIAN, Dulce Regina dos Santos. **A IDEOLOGIA DA RACIONALIDADE TECNOLÓGICA, O NARCISISMO E A MELANCOLIA: MARCAS DO SOFRIMENTO**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17161>.

PEDROSSIAN, Dulce Regina dos Santos. **O MECANISMO DA IDENTIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA FREUDIANA E DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE**. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (2): 417-442, jul./dez. 2008.

ROCHA, Joceli Scremin da. **A INCIDÊNCIA DOS DANOS PSÍQUICOS EM VÍTIMAS DE SEQUESTRO E CÁRCERE PRIVADO À LUZ DO CÓDIGO PENAL**. Boletim Científico n. 28 e n. 29. Julho/Dezembro de 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **DICIONÁRIO DE PSICANÁLISE**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **LA PART OBSCURE DE NOUS-MÊME. UNE HISTOIRE DES PERVERS**. Paris: Albin Michel, 2007. 248 p.

SALVADOR, Luiz. **ASSÉDIO MORAL: DOENÇA PROFISSIONAL QUE PODE LEVAR À INCAPACIDADE PERMANENTE E ATÉ À MORTE**. Jus Navigandi, Teresina, a. 6, n. 59, out. 2002.

SANTOS, Larissa Souza; HORTA, Amanda Carvalho. **SÍNDROME DE ESTOCOLMO: UMA ANÁLISE DA PSICOLOGIA JURÍDICA**. Publicado em 12 de December de 2013. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17161>.

TEIXEIRA, Maria Angélica. **A VIOLÊNCIA NO DISCURSO CAPITALISTA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**. Volume 3 – Número 5. Revista Eletronica do Núcleo Sephora. Novembro de 2007 a Abril de 2008.

TRINDADE, Jorge. **MANUAL DE PSICOLOGIA JURÍDICA PARA OPERADORES DO DIREITO**. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010.

YONAMINE, Bianca. **CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA: UMA PROPOSTA SOBRE SÍNDROME DE ESTOCOLMO**. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016. Disponível em: <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/553>.

Filmes:

ALMODÓVAR, Pedro. **LA PIEL QUE HABITO (A PELE QUE HABITO)**. El Deseo S.A. Espanha, 2011.

FRANKEL, David. **O DIABO VESTE PRADA**. Direção. Los Angeles. 20th Century Fox Film Corporation, 2006.

HORMANN, Sherry. **3096 DIAS DE CATIVEIRO**. Constantin Film, Paris Filmes. Alemanha, 2013.

ANEXOS – CURRÍCULO LATTES



Lilian Leticia Rodrigues Ribeiro

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9466472020539443>

Última atualização do currículo em 08/12/2017

Resumo informado pelo autor

Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia
(Texto gerado automaticamente pelo Sistema Lattes)

Dados pessoais

Nome Lilian Leticia Rodrigues Ribeiro

Nome em citações bibliográficas RIBEIRO, L. L. R.

Sexo Feminino

Cor ou Raça Parda

Filiação Jaime Aparecido Ribeiro e Leci Rodrigues Ribeiro

Nascimento 04/05/1984 - Brasil

Carteira de Identidade 771912 SSP RO - RO -25/01/2001

CPF 790.121.672-72

Endereço residencial Rua Presidente Prudente - de 2151/2152 a 2449/2450
Jardim Paulista - Ariquemes
76871258 RO - Brasil
Telefone: 69 35356747
Celular 69 999143275

Endereço eletrônico E-mail para contato : lilianleticiaha84@gmail.com

Formação acadêmica/titulação

2013 Graduação em Psicologia
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FEMMA, Ariquemes, Brasil
Título: Síndrome de Estocolmo
Orientador: Ana Claudia Yamashiro Arantes

Áreas de atuação

1. Psicologia

Educação e Popularização de C&T

Participação em eventos, congressos, exposições, feiras e olimpíadas

1. Contextualização da Psicopedagogia: Estudo, Objeto de Estudo e Atuação , 2017. (Outra)
2. Fobia Social e Síndrome do Pânico , 2017. (Oficina)
3. Laboratório de Jogos, Materiais Lúdicos: Possibilidades de Intervenção Pedagógica. , 2017. (Outra)
4. Projeto Beija Flor , 2017. (Outra)
Projeto Beija Flor
5. Psicologia e Saúde: uma interface necessária. , 2017. (Outra)
6. Campanha do Dia Nacional Contra o Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. , 2016. (Outra)
7. Casamento Comunitário , 2016. (Outra)

8. **Novembro Azul**, 2016. (Outra)
9. **Plantão Social**, 2016. (Outra)
Plantão Social na Praça do setor 10.
10. **Plantão Social**, 2016. (Outra)
Plantão Social no bairro Multirão.
11. **Psicologia Jurídica e Depoimento Especial: Responsabilidade e Ética Profissional.**, 2016. (Outra)
12. **Psicotalentos**, 2016. (Outra)
III Mostra de Talentos.
13. **Dia Mundial da Conscientização do Autismo.**, 2015. (Outra)
14. **I Encontro Científico**, 2015. (Encontro)
15. **Psicologia Humanista - Abordagem Centrada na Pessoa: Pressuposto Epistemológicos e Metodológicos.**, 2015. (Outra)
16. **A Psicologia do Desenvolvimento: A Prática e a Vivência em um Lar de crianças.**, 2014. (Outra)
17. **Curso de Capacitação de usuário da Biblioteca**, 2014. (Outra)
18. **IV Seminário de Psicologia**, 2014. (Outra)
19. **Juventude e Tatuagem: Reflexões Psicológicas em Interface com a Contemporaneidade**, 2014. (Seminário)
20. **Metodologia Científica**, 2014. (Outra)
21. **Psicotalentos**, 2014. (Outra)
22. **VIII Semana de Psicologia**, 2014. (Outra)
23. **III Jornada Científica e Cultural**, 2013. (Outra)
24. **Libras voltada para a Área da Saúde**, 2013. (Outra)

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **Contextualização da Psicopedagogia: Estudo, Objeto de Estudo e Atuação**, 2017. (Outra)
2. **Fobia Social e Síndrome do Pânico**, 2017. (Oficina)
3. **Laboratório de Jogos, Materiais Lúdicos: Possibilidades de Intervenção Pedagógica.**, 2017. (Outra)
4. **Projeto Beija Flor**, 2017. (Outra)
Projeto Beija Flor.
5. **Psicologia e Saúde: uma interface necessária.**, 2017. (Outra)
6. **Campanha do Dia Nacional Contra o Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.**, 2016. (Outra)
7. **Casamento Comunitário**, 2016. (Outra)
8. **Novembro Azul**, 2016. (Outra)
9. **Plantão Social**, 2016. (Outra)
Plantão Social na Praça do setor 10.
10. **Plantão Social**, 2016. (Outra)
Plantão Social no bairro Multirão.
11. **Psicologia Jurídica e Depoimento Especial: Responsabilidade e Ética Profissional.**, 2016. (Outra)
12. **Psicotalentos**, 2016. (Outra)
III Mostra de Talentos.
13. **Dia Mundial da Conscientização do Autismo.**, 2015. (Outra)
14. **I Encontro Científico**, 2015. (Encontro)
15. **Psicologia Humanista - Abordagem Centrada na Pessoa: Pressuposto Epistemológicos e Metodológicos.**, 2015. (Outra)
16. **A Psicologia do Desenvolvimento: A Prática e a Vivência em um Lar de crianças.**, 2014. (Outra)
17. **Curso de Capacitação de usuário da Biblioteca**, 2014. (Outra)
18. **IV Seminário de Psicologia**, 2014. (Outra)
19. **Juventude e Tatuagem: Reflexões Psicológicas em Interface com a Contemporaneidade**, 2014.

- (Seminário)
.
20. Metodologia Científica , 2014. (Outra)
.
 21. Psicotalentos , 2014. (Outra)
.
 22. VIII Semana de Psicologia , 2014. (Outra)
.
 23. III Jornada Científica e Cultural , 2013. (Outra)
.
 24. Libras voltada para a Área da Saúde , 2013. (Outra)
.

Totais de produção

Eventos

Participações em eventos (seminário)	1
Participações em eventos (oficina)	1
Participações em eventos (encontro)	1
Participações em eventos (outra)	21

Página gerada pelo sistema Currículo Lattes em 08/12/2017 às 01:37:32.